

“UNS MOTS DEL TRADUCTOR” A L’*ODISSEA*, D’HOMER¹



CARLES RIBA

CARLES RIBA (1893-1959) foi um exemplo quase prototípico de tradutor a serviço de “um projeto cultural e até político de maior alcance, em virtude do qual seus receptores esperavam obter os conhecimentos dos emissores originários e alcançar para sua língua o prestígio da deles” (Murgades 1994: 93). A geração da que fez parte — e o movimento cultural e político que a caracterizou, conhecido como *Noucentisme* (Novocentismo) — contribuiu entusiasticamente para a criação de uma tradição literária para a língua catalã baseada em traduções. Numa altura em que certos preconceitos linguísticos — como a ideia de que há línguas incapazes de exprimir conteúdos esteticamente ou conceitualmente complexos — tinham a força de certezas, mostrar que uma língua subordinada podia traduzir Shakespeare ou Homero era um ato político: “a Catalunha, por ora, uma tradução é uma obra de combate” (Riba 1915: 5). Um combate pela (re)construção de um espaço linguístico, literário e cultural que eventualmente fosse também a base para um espaço político.

Com efeito, Riba participou sempre de um projeto nacional catalão. Qual projeto? O de uma elite burguesa esclarecida e cosmopolita, racionalista e anti-romântica, que considera a cidade (uma cidade idealizada, o símbolo máximo da paisagem humanizada que foge com horror da natureza selvagem) o modelo social por excelência. Daí o seu interesse pelas culturas antigas grega e latina, supostos modelos de harmonia, equilíbrio e ordem, de civilização, em suma: aquelas que mais propriamente trazem associado o adjetivo de “clássicas”. Riba traduziu sobretudo clássicos: Homero, Plutarco, Sófocles ou Xenofonte entre os gregos; Virgílio, Ausônio ou Plauto entre os latinos. Não só

¹ Carles Riba. “Nota preliminar a una segona traducció de L’*Odíssea*”, in Homer, L’*Odíssea*. Novamente traduzida em versos catalães por Carles Riba ornada com gravação sobre madeira por E.- L. Ricart. Barcelona, 1948, ps. 11-17. Reeditada in Carles Riba: *Obres Completes*/3. Crítica, 2. Barcelona: Edicions 62, 1986, ps. 224-231, e in Montserrat Bacardí, Joan Fontcuberta i Gel, Francesc Parcerisas (eds.): *Cent anys de traducció al català (1891-1990)*. *Antologia*. Vic: Eumo Editorial. Facultat de Traducció i Interpretació de la Universitat Pompeu Fabra. Departament de Traducció i Interpretació de la Universitat Autònoma de Barcelona. Facultat de Traducció i Interpretació d’Osona de la Universitat de Vic, 1998, ps. 139- 145. (Biblioteca de Traducció i Interpretació; 3).

para dotar a cultura catalã de referentes “universais”, ou para contribuir para a conformação de um modelo de língua; também porque achava que a tradição humanista, aquela que se consagrava ao estudo dos clássicos “tinha uma dimensão ética e uma função social: a de formar e educar os membros da sociedade através das obras da cultura clássica” (Malé 2006: 29).

Carles Riba traduziu durante toda a vida. Continuou a traduzir também quando o seu mundo ruiu de repente sob a bota militar do fascismo, porque a tradução nunca deixou de ser para ele uma forma de resistência.

Nessas circunstâncias, a escolha inicial tradutológica de Riba é em certa medida espantosa. Provavelmente o mais fácil e coerente com os objetivos enunciados teria sido deixar “o leitor o mais possível em paz e levar o autor ao seu encontro”, em palavras de Schleiermacher, isto é, domesticar o texto, canibalizá-lo para melhor incorporá-lo, preocupar-se com o modelo de catalão e não com o estilo do texto original. Mas Riba vai procurar uma espécie de terceira via. Segundo ele: “Tem-se aplicado, ao verter uma obra poética, um aforismo habitual em salas de aula e em elogios: traduzir é fazer certo autor falar como se ele próprio tivesse falado na nossa época e na nossa língua. [...] Talvez devêssemos inverter a fórmula [...] e dizer: se traduzir não pode ser senão recriar, substituamo-nos, então, por esse autor, criando na nossa língua, mas como se fosse o seu tempo.” (Riba 1919: 7). O intuito: refazer, através das traduções e em pouco tempo, todo o caminho que a literatura catalã teria percorrido se as circunstâncias históricas lhe tivessem sido mais favoráveis. O resultado foi em geral curioso. No caso, por exemplo, da primeira versão da *Odisseia*, a de 1919, Riba criou “uma espécie de greco-catalão, de fala rebuscada e elevada”, uma “língua que obrigasse os leitores a fazer da *Odisseia* um monumento raro, arrevesado e difícil” (Parcerissa 1994: 92).

Riba nunca renunciou de todo à sua proposta exigente, rigorosa, difícil. No entanto, a revisou, pelo menos em parte. Não ficou satisfeito com o resultado da sua primeira tradução da *Odisseia*, a de 1919, como ele próprio conta no texto que apresentamos. Empreendeu esse trabalho imenso de novo em 1944. Com efeito, numa Catalunha destruída na que se passa fome, com um regime político feroz que continua a fuzilar opositores e que mantém milhares de prisioneiros políticos, que persegue sem descanso qualquer vestígio de dissidência (também de dissidência cultural e linguística), um Riba que acabou de voltar do exílio de forma quase clandestina, com a Europa incendiada pelo nazismo, empreende a tradução da *Odisseia*! Numa altura em que o catalão não parece ter futuro nenhum, o nosso intelectual, perfeitamente capacitado para trabalhar como professor de línguas clássicas ou modernas em qualquer universidade prestigiosa do mundo, decide concentrar-se de novo na tradução do longo poema homérico. Talvez à luz dessa informação o texto que ele escreveu em 1948 para apresentar o novo texto poético (maravilhoso, segundo Joan Solà, um dos nossos maiores linguistas) a um minúsculo público potencial e também quase clandestino, e que agora reproduzimos em português, ganhe uma dimensão insuspeitada. Peço-lhes que o leiam sob essa luz.

Pere Comellas
perecomellas@ub.edu
Universitat de Barcelona

“UNS MOTS DEL
TRADUCTOR”
A L’*ODISSEA*, D’HOMER
(1948)

És sabut amb quina alternativa es troba el traductor d’un gran poema clàssic: o limitar-se a mostrar-lo de lluny o esforçar-se a fer-lo present. En tots dos casos, és inevitable que perilli algun preciós element de l’original. En el primer, la immediatesa (entengui’s bé que no diem la facilitat): sense ella, la poesia serà suggerida, explicada, no precisament viva en el seu miracle. En el segon, el traductor imitarà. Més que en el públic del seu poeta, distant segles amunt, pensarà en el seu propi; atent a ell, que li és davant, emprerà les seves fórmules expressives, s’adaptarà a les seves habituds d’imaginació, cercarà els efectes a què és més sensible, li farà fer, en suma, la il·lusió que és per a ell que fou originàriament creat el poema. Però la poesia, llavors, serà substituïda, no traslladada; rompu-da la dura, divina unitat de l’obra, el contingut anirà per una banda, més o menys respectat, i de vegades, si així ho vol la moda, esquematitzat com teòricament ho fou en la primera idea del poeta; i per altra banda anirà la forma, l’externa i fins la interna, a totes les conseqüències del que pugui o del que no pugui com a poeta el traductor.

Evidentment la cosa és absoluta així només en principi. De fet es tracta d’un més o d’un menys. No hi ha traducció, empresa amb un mínim de responsabilitat, en la qual no s’hagi intentat un compromís entre les dues tendències; és a

“UMAS PALAVRAS DO
TRADUTOR”
À *ODISSEIA*, DE HOMERO
(2011)

É conhecida a alternativa que enfrenta o tradutor de um grande poema clássico: ou limitar-se a mostrá-lo de longe ou então esforçar-se por fazê-lo presente. Em ambos os casos, é inevitável que algum precioso elemento do original corra perigo. No primeiro, a imediatez (fique claro que não dissemos a facilidade): sem ela, a poesia será sugerida, explicada, não precisamente viva no seu milagre. No segundo, o tradutor imitará. Mais do que no público do poeta, distante séculos atrás, pensará no seu próprio; atento a ele, que está na sua frente, usará suas fórmulas expressivas, e se adaptará a seus hábitos de imaginação, procurará os efeitos aos quais este é mais sensível, produzirá, em suma, a ilusão de que é para ele que o poema foi originariamente criado. Mas a poesia, então, será substituída, não transferida; quebrada a dura, divina unidade da obra, o conteúdo irá para um lado, mais ou menos respeitado, e por vezes, se assim o quiser a moda, esquematizado como teoricamente foi na primeira ideia do poeta; e para outro lado irá a forma, a externa e até a interna, sofrendo todas as consequências do que o tradutor puder ou do que não puder como poeta.

Evidentemente, a coisa é deste modo absoluta apenas em princípio. De fato trata-se de um mais ou de um menos. Não há tradução, empreendida com um mínimo de responsabilidade, na qual não se tenha tentado um compromisso en-

dir, complint algun dels deures implicats en cadascuna, participar en els correlatius avantatges, ja que és fatal la participació en tots els inconvenients. Així, traduïnt un gran poema antic, un professor mirarà més aviat de realitzar la fidelitat a unes característiques històriques que es creu conèixer bé; un artista pur sacrificarà el que convinguí per fer ressortir tot allò que al seu entendre són valors estètics permanents. I l'un i l'altre a cada vers hauran hagut de calcular què valia més deixar perdre per a salvar el que jutjaven de més interès; l'un i l'altre, ja abans de donar cap a la noble tasca, hauran constatat melangiosament que llur traducció, que tota traducció, és sempre per força provisional. Arrencada de la seva forma única, exacta, acabada, absoluta, la magna entitat poètica ha estat feta relativa a un altre temperament, a un altre fi, a un altre lloc, a una altra època, a una altra llengua, a un altre concepte de la mateixa poesia; és a dir, situada de nou, per a bé i per a mal, en tot allò que és fluent i canviant per condició humana. És en l'home el misteri, no en l'obra l'art: ella dura, exercint el seu simple imperi, exigint sempre uns nous ulls que contemplin i que hi vegin més d'actual. Traduir, així mirat, ¿fóra res més que llegir assajant un forma a la personal interpretació? I el qui bonament llegeix, si llegeix bé, ¿què fa sinó traduir per a ell — més provisionalment encara?

És convençut de tot això que jo veia la meva traducció de l'*Odissea* cada dia més lluny; si es vol, més envellida. Un traductor, és obvi que, malgrat tot, pot aspirar que la

tre as duas tendências; isto é, cumprindo algum dos deveres implicados em cada uma, participar das correlativas vantagens, visto que é inevitável a participação em todos os inconvenientes. Assim, ao traduzir um grande poema antigo, um professor tentará prioritariamente conseguir a fidelidade a umas características históricas que acredita conhecer bem; um artista puro sacrificará o que for conveniente para fazer ressaltar aquilo que na sua opinião são valores estéticos permanentes. E um e outro em cada verso deverão calcular o que é que foi necessário deixar perder para salvar aquilo que julgavam de maior interesse; um e outro, já antes de concluir a nobre tarefa, terão constatado melancolicamente que sua tradução, que toda tradução, é sempre forçosamente provisória. Arrancada da sua forma única, exata, acabada, absoluta, a magna entidade poética é relacionada a outro caráter, a outro fim, a outro lugar, a outra época, a outra língua, a outro conceito da própria poesia; ou seja, é situada novamente, para bem e para mal, em tudo aquilo que é fluente e cambiante por condição humana. O mistério está no homem, não na obra de arte: esta perdura, exercendo seu simples império, exigindo sempre novos olhos que a contemplem e que a vejam mais atual. Traduzir, visto deste jeito, não seria simplesmente ler procurando uma forma à interpretação pessoal? E os que lêem, se lerem bem, que outra coisa fazem senão traduzir para si próprios — mais provisoriamente ainda?

Era convencido disto tudo que eu via minha tradução da *Odisseia* cada dia mais longe; se quisessem, mais envelhecida. É obvio que um tradutor, apesar de tudo, pode

seva obra de reconstitució sigui tan feliçment informada per una personalitat poderosa que, independentment del seu caràcter de traducció, adquireixi al seu torn l'alta qualitat de clàssica. Arcaica, potser sí que aquella bona *Odissea* meva de cap al 1919 m'ho apareixia, amb tot allò que el mot comporta de mirat tendrament, piament, però inactual per sempre més. Clàssica, ben certament que no. Si ara i adés tal commovedora mostra d'estima que per ella rebia em feia témer que algú la hi considerés, la cosa m'omplia d'una confusió gairebé intolerable. Tot allò que és clàssic és heroicament distant; però mai vell. I vella jo la veia, ja només de pensar a quines proves d'afinament i d'enriquiment ha estat sotmès l'idioma en el temps que ha vingut després; i en l'ordre pràctic, de quins instruments disposa avui un escriptor a casa nostra per al seu treball, que en 1919 no existien. En altres termes: sense sortir-me del terreny objectiu, em podia imaginar jo mateix havent reeixit millor dos o tres decennis més tard.

Una vegada m'hagué temptat de refer la meua *Odissea*, ja no em vaig poder sostreure al desig. Bastà que uns amics generosos, en circumstàncies que feien pròxim el meu cor el mite d'Ulisses, em proposessin una reedició de l'introvable llibre, perquè em llancés resoltament a l'aventura. Resoltament; no pas tot d'una segur del que calia fer. Però aviat vaig saber de cert que res no hi podia ésser fet superficialment. Havia de replantejar-me tots els problemes, de revisar tots els criteris, de ressenyar tots els mitjans. Era jugar-m'hi molt com a professor de grec i com a

aspirar a que sua obra de reconstituïção esteja tão felizmente formada por uma personalidade poderosa que, independentemente de seu caráter de tradução, adquira por sua vez a alta qualidade de clássica. Arcaica talvez me parecesse aquela boa *Odisseia* minha de por volta de 1919, com tudo o que a palavra implica de olhar terno, piedoso, mas inatual para todo o sempre. Clássica, certamente que não. Se de vez em quando alguma comovente amostra de estima que por ela recebia me fazia temer que alguém a considerasse como tal, a coisa enchia-me de uma confusão quase intolerável. Tudo o que é clássico é heroicamente distante, mas nunca é velho. E velha eu a via, só de pensar nas provas de afinação e de enriquecimento às quais nossa língua foi submetida no tempo que veio depois; e na ordem prática, nos instrumentos de que dispõe hoje um escritor em nosso país para trabalhar e que em 1919 não existiam. Em outras palavras: sem sair do terreno objetivo, podia imaginar a mim mesmo saindo-me melhor do empreendimento duas ou três décadas mais tarde.

Uma vez assaltado pela tentação de refazer minha *Odisseia*, já não fui capaz de resistir a esse desejo. Bastou que uns amigos generosos, em circunstâncias que aproximavam de meu coração o mito de Ulisses, me propusessem uma reedição do inencontrável livro para que me lançasse resolutamente à aventura. Resolutamente, mas não totalmente seguro do que era preciso fazer. Porém, logo tive a certeza de que nada podia ser feito superficialmente. Tinha que voltar a reconsiderar todos os problemas, reverter todos os critérios, inventariar todos os meios. Significava arriscar

poeta. Vaig deixar que, en mi, aquell cedís el pas a aquest; no puc creure que ningú hagués fet estúpidament altra cosa. A tot allò que des de fora o des de la meua mica de ciència m’ajudés a millorar el resultat del meu esforç d’antany, calia afegir, i sens dubte valia més per a sostenir la meua confiança, el que jo mateix, en tot aquest temps, hagués pogut adquirir d’experiència. Experiència tècnica i més encara experiència humana en general. Per a la comprensió íntima de cap gran poema no és potser aquesta més necessària que per a l’*Odissea*, fresca, íntegra i nova, al cap de vint-i-vuit o de vint-i-nou segles, en el seu encant, en el seu to i en els seus traços, en els seus sentits directes i en els seus símbols. ¿I no podia també esperar alguna cosa de subtilment preciós i eficaç de l’experiència dels meus ulls i de la meua memòria, que l’espectacle de mars i terres odisseïques encara omple, en inacabable procés de cristal·lització?

*Ítaca, regne petit, conec la cova profunda:
oliverada amunt, fora camí, en el rocall...*

Els poetes dubten de si en el món trasbalsat, barbaritzant, d’avui, hi ha un públic per a ells. El dubte esdevé menys cruel, si es formula serenament, amb ple sentit humà i històric: ¿ha estat, ha pogut, podrà ésser mai, en essència i tot compte fet, altrament? Ha crescut enormement la massa dels lectors, dels interessats per la literatura; i dins ella, el grup dels qui apassiona la poesia pura —uso aquesta fórmula per amor de la bella comoditat, conscient de les reserves que s’hi

muito como professor de grego e como poeta. Deixei que, em mim, aquele cedesse o passo a este; não posso acreditar que alguém fizesse estupidamente outra coisa. A tudo quanto do exterior ou da minha pouca ciência pudesse me ajudar a melhorar o resultado de meu esforço de antanho, era necessário acrescentar – e sem dúvida tinha mais valor para sustentar minha confiança – o que eu próprio, em todo esse tempo, tivesse podido adquirir de experiência. Experiência técnica e mais ainda experiência humana em geral. Talvez não seja esta tão necessária para a compreensão íntima de nenhum grande poema como o é para a *Odisseia*, fresca, íntegra e nova, depois de vinte e oito ou de vinte e nove séculos, no seu encanto, no seu tom e nos seus traços, nos seus sentidos diretos e nos seus símbolos. E não podia eu também esperar alguma coisa sutilmente preciosa e eficaz da experiência dos meus olhos e da minha memória, que o espetáculo de mares e terras odisseicas ainda preenche, em inacabável processo de cristalização?

*Ítaca, reino pequeno, conheço tua caverna profunda:
olivedo acima, fora do caminho lá nas rocas...*

Os poetas duvidam se, no mundo transtornado, barbarizado, de hoje, há um público para eles. A dúvida se torna menos cruel quando formulada serenamente, com pleno sentido humano e histórico: foi, podia ser, poderá ser alguma vez, em essência e afinal, de outro modo? Cresceu enormemente a massa de leitores, dos interessados pela literatura; e entre estes, o grupo dos apaixonados pela poesia pura —utilizo a fórmula por comodidade, consciente das reservas que lhe

han fet i que hi cal fer. Doncs bé, dins la immensa, renouera turba, aquest grup de “feliços pocs” ha augmentat també; però no podia augmentar proporcionalment. Per força havia de quedar ofegat fins a ésser gairebé invisible i mut. Per als seus components, la poesia continua tenint el seu caràcter de festa i d’experiment de l’ànima; quan, entorn d’ells, per a tants la literatura ha descendit a entreteniment o a excitant de cada dia. Essent aquests els qui més pontifiquen i exigeixen, la confusió s’acreix sense remei. La qüestió entra de ple dins el camp de la sociologia i és molt perillósament complexa. Cenyint-nos al fet que ara ens interessa, és evident que si avui es pretén dur els clàssics, l’*Odissea*, ja que d’ella es tracta, a la plaça del mercat, l’empresa obeeix a raons segurament més tristes per a la poesia que les que tenien els romàntics per a somiar el mateix. Hi seria duta, certament; però no tornada, perquè ni en sortí ni mai ben bé no hi anà. Arrancar-la al monopoli dels més o menys doctes hel·lenistes, d’acord; però tant com lliurar-la a la insensibilitat i a la banalitat dels simples devoradors de novel·les, despullar-la de la seva poesia que, en la realització com a tal, tant té de la que ara qualifiquem com a pura, i això ja per principi, costa de resignar-s’hi.

Per a bé i per a mal, un cert complex de sentiments entorn del natural amor a l’idioma ha creat entre nosaltres un nucli relativament poderós d’amics de la poesia. Amb tants de malentesos i d’il·lusions sobre la matèria, procediments, finalitats i valors de la poesia com es vulgui; però un públic existeix, capaç d’estimar una versió de l’*Odissea* que, acostant-li el diví

foram feitas e que é preciso fazer-lhe. Pois bem, na imensa, barulhenta turba, este grupo de “felizes poucos” aumentou também; não podia, porém, aumentar proporcionalmente. Forçosamente tinha de ficar abafado até quase ser invisível e mudo. Para seus componentes a poesia continua a ter seu caráter de festa e de experiência da alma, quando, em volta deles, para muitos a literatura rebaixou-se a distração ou a excitante do quotidiano. Sendo eles quem mais pontificam e exigem, a confusão cresce sem remédio. A questão entra plenamente no campo da sociologia e é perigosamente complexa. Centrando-nos no fato que agora nos interessa, é evidente que se hoje pretendemos levar os clássicos – a *Odisseia*, pois dela se trata – à praça do mercado, a empresa obedece a razões provavelmente mais tristes para a poesia que as que tinham os românticos para sonhar a mesma coisa. Seria levada para lá, certamente, mas não retornada, porque nem saiu de lá nem nunca esteve propriamente lá. Arrancá-la do monopólio dos mais ou menos doutos helenistas, tudo bem; mas chegar a entregá-la à insensibilidade e à banalidade dos simples devoradores de romances, despi-la de sua poesia que, na sua realização como tal, tanto tem da que agora qualificamos de pura, e isso já por princípio, é difícil resignar-se a tal.

Para bem e para mal, um certo conjunto de sentimentos em torno do natural amor à língua criou entre nós um núcleo relativamente poderoso de amigos da poesia. Com todos os equívocos e ilusões sobre a matéria, procedimentos, finalidades e valores da poesia que quisermos; mas um público existe, capaz de amar uma versão da *Odisseia* que, aproximando-lhe o divino poema

poema en el seu aspecte fonamental de narració, fos en primer lloc als seus ulls un monument de la llengua pròpia, per a la qual a tant s'aspira. Això, comprovat per mi en lectures a molt diversos auditoris, m'havia compromès ja molt des de la meua primera versió: m'imposava en principi i des del començament el concepte i el to de tota possible refosa. No, en considerar les maneres i mitjans d'imitar, com a traductor, la personalitat i l'estil de l'original, jo no podia sinó atendre tot d'una el caràcter de poesia per a ésser recitada. Tant més que, al llarg d'aquests anys, havia esdevingut ferma en mi la convicció que tota poesia, fins la que sembla girada més cap endins de l'ànima i dels seus rics silencis, és en la veu, i únicament per ella, que té l'última i necessària realització de la seva qualitat i que es comunica plenament, fins i tot al lector solitari. Des d'aquest punt de vista, la qüestió d'optar entre el vers i la prosa deixava d'ésser secundària, com ho és per a qui roman en el de la relativitat de tota versió d'un poema. Calia el vers. De fet, jo ho havia après des dels inicis de la primera versió, quan, havent-me decidit per la prosa, sota la ploma se m'anaven congriant, amb independència de mi mateix, petites entitats rítmiques cada vegada més imperioses, més freqüents i diria que més tentaculars.

L'error dels traductors en vers dels poemes homèrics ha estat de resoldre la qüestió del metre a adoptar independentment de la general de l'estil. La fidelitat a les tradicions mètriques, no sempre autòctones ni gaire antigues, de la poesia èpica en llurs respectius idiomes, ha costat desfiguracions

no seu aspecte fonamental de narrativa, fosse em primeiro lugar a seus olhos um monumento da língua própria, para a qual tanto se almeja. Isso, que eu verifiquei em leituras para auditórios bem diversos, comprometeu-me muito já na minha primeira versão: impunha-me por princípio e desde o início o conceito e o tom de qualquer possível refundição. Não; ao considerar os modos e os meios de imitar - como tradutor - a personalidade e o estilo do original, eu não podia senão atender imediatamente o seu caráter de poesia para ser recitada. Tanto mais que, ao longo destes anos, tinha se tornado firme em mim a convicção de que toda poesia, inclusive a que parece mais voltada para o interior da alma e de seus ricos silêncios, tem na voz, e unicamente nela, a última e necessária realização da sua qualidade e é onde se comunica plenamente, até para o leitor solitário. Deste ponto de vista, a questão de optar entre o verso e a prosa deixava de ser secundária, como é para quem fica no ponto de vista da relatividade de qualquer versão de um poema. Era preciso o verso. De fato, tinha compreendido isso desde os inícios da primeira versão, quando, depois de decidir-me pela prosa, sob minha pena iam se formando, independentemente de mim próprio, pequenas entidades rítmicas cada vez mais imperiosas, mais frequentes e, diria que, mais tentaculares.

O erro dos tradutores em verso dos poemas homéricos tem sido resolver a questão de qual metro adotar de forma independente do estilo geral. A fidelidade às tradições métricas, nem sempre autóctones nem muito antigas, da poesia épica nas respectivas línguas, custou desfigurações lamentáveis

lamentables de l'estil homèric en el que té de més preciós: el moviment. Un traductor ambiciós, venia a dir jo mateix a propòsit d'una altra versió meva, corre l'aventura de recrear el seu poeta: a perdre el que calgui, però també a guanyar, o almenys a compensar, el que pugui. Llavors el procediment és obvi: lliurar-se sense reserves al moviment poètic, seguint-ne els meandres amb obstinada atenció, revivint cada intuïció amb una alta humilitat; tot això, en funció de la llengua a la qual tradueix, però no sometent-se a l'estil que imposi ella, sinó creant en ella un estil. Amb els mots, sempre gastats, "de la tribu", crear un estil: és el que ja fa tot poeta per superar la relativitat amb què la comuna llengua el vol trair. Per aquí pot també un traductor compensar la forçosa, doblada relativitat dels seus resultats; sempre, alhora, complint el seu primer deure, que és ésser fidel a una matèria i a un contingut que no són d'ell.

No entendrà mai res del millor estil de la poesia grega clàssica, qui se satisfaci qualificant-lo de viu. El terme ha esdevingut, entre nosaltres, de mala escola: molt sovint no passa de valer tant com pintoresc, llampant o banal. Vivent és més just, potser perquè suggereix alguna cosa de més perennement actiu: la presència d'un miraculós artifici que ni com a tal se'ns dissimula, simple i directe prenent-nos. Ferm en la subtil distinció, he pogut voler la meva segona versió de l'*Odissea* menys literal que la primera, més desimbolta en el seu pas, més ajustada en la seva economia. El poema d'Ulisses resultà d'una genial manipulació d'instruccions i de rondalles; però no és una rondalla

do estilo homérico no que tem de mais precioso: o movimento. Um tradutor ambicioso — ia dizer eu mesmo a propósito de outra versão minha — aventura-se a recriar seu poeta: perdendo o que for preciso, mas ganhando também, ou pelo menos compensando o que for possível. Então, o procedimento é óbvio: entregar-se sem reservas ao movimento poético, seguir seus meandros com obstinada atenção, revivendo cada intuição com muita humildade; tudo isso em função da língua à qual se traduz, porém sem se submeter ao estilo que ela impõe e sim criando nela um estilo. Com as palavras, sempre gastas, "da tribo", criar um estilo: é o que já faz qualquer poeta para superar a relatividade com que a língua comum quer traí-lo. Por aí pode também um tradutor compensar a forçosa, dobrada relatividade de seus resultados; sempre, ao mesmo tempo, cumprindo o seu primeiro dever, que é ser fiel a uma matéria e a um conteúdo que não são dele.

Nunca compreenderá nada do melhor estilo da poesia grega clássica quem fique satisfeito qualificando-o de vivo. O termo tornou-se, entre nós, de má escola: com muita frequência significa tanto quanto pitoresco, vistoso ou banal. Vivente é mais justo, talvez porque sugere alguma coisa mais perennemente ativa: a presença de um milagroso artifício que nem se disfarça enquanto tal, que nos prende simples e diretamente. Firme nessa sutil distinção, pude querer minha segunda versão da *Odisseia* menos literal do que a primeira, mais desenvolta no seu passo, mais ajustada em sua economia. O poema de Ulisses resultou de uma genial manipulação de instruções e de contos; mas não é

ni unes instruccions, sinó una molt noble estructura poètica, amb el seu fi en l'espectacle i en la glòria d'ella mateixa. Perquè ella fos, foren les desventures i les joies, l'esforç i els destins dels herois que ens presenta, la llum, les tempestes i les nits de la natura on es mouen, la sal de l'aire que respiren. Mai un poeta no ha estat més sobiranament ràpid i generós en disposar la seva matèria. Aturar-se massa en els mots, desmuntar-los cercant-hi el que en ells mateixos i en llur història ofereixen al goig de l'helenista, sempre farà mesquina l'obra d'un traductor d'Homer. És terrible, però aquest, per poc sensible que sigui, no pot eludir d'ésser alguna cosa de divinament magnífic com ell, baldament hagi d'ésser darrera d'ell i de lluny. És per això que, rellegint la meua primera versió de l'*Odissea*, jo hi havia anat constant amb molèstia un excessiu punt a dir tot el que jo havia descobert en l'original; a dir-ho amb relleu etimològic i amb eficàcia popular, encastat a la superfície del text, sense ben bé moure'm amb ell. El que, però, calia era, més que dominar, saberut, aquest text, deixar-se dur per la força que d'ell es comunica; i, segur d'un mínim de participació en tanta de riquesa i en tanta de vida profunda, córrer a voga i a vela llengua pròpia enllà. Més d'una vegada en patiria l'estricta exactitud, potser l'arqueologia i tot; sovint, caldria renunciar a peces i a efectes valuosos; ara i adés s'haurien de completar, homèricament sens dubte, amb una torna presa als dipòsits d'escola, una cadència o una fórmula que en català s'escanyaven.

um conto nem umas instruções, e sim uma muito nobre estrutura poética, com o seu fim no espetáculo e na glória de si mesma. Para que ela existisse, existiram as desventuras e as alegrias, o esforço e os destinos dos herois que nos apresenta, a luz, as tormentas e as noites da natureza em que se mexem, o sal do ar que respiram. Nunca um poeta foi mais soberanamente rápido e generoso ao dispor sua matéria. Parar-se demais nas palavras, desarmá-las para procurar nelas o que em si próprias e na sua história oferecem ao gozo do helenista sempre tornará mesquinha a obra de um tradutor de Homero. É terrível, mas este, por pouco sensível que seja, não pode eludir ser algo de divinamente magnífico como ele, mesmo que deva ficar atrás dele e de longe. É por isso que, relendo minha primeira versão da *Odisseia*, fui constatando nela com incomodidade uma excessiva tendência a dizer tudo quanto eu tinha descoberto no original; a dizê-lo com relevo etimológico e com eficácia popular, engastado na superfície do texto, sem me mover com ele. Do que, porém, precisava agora, mais do que dominar, sabichão, esse texto, era deixar-me levar pela força que dele se comunica; e, certo de um mínimo de participação em tanta riqueza e em tanta vida profunda, correr a toda vela para além da língua própria. Várias vezes eu sofreria sua estrita exatidão, talvez até sua arqueologia; com frequência teria de renunciar a partes e a efeitos valiosos; aqui e ali deveria completar, homericamente sem dúvida, com uma compensação tomada dos depósitos de escola, uma cadência ou uma fórmula que em catalão ficavam estranguladas.

Valia més així. El que sobretot importava era de trastornar tan poc com es pogués la meravellosa economia; en canviar, per la violència del trasllat, el pes respectiu de les paraules, veure de no augmentar ni disminuir notablement la massa de les representacions, de no treure-les gaire de llur ordre tan precís, tan natural i eficaç. Totes aquelles belleses de metre, d'harmonies imitatives, d'equívocs, totes aquelles tan escollides ressonàncies dels mots, les diamantines síntesis d'imatge, les fórmules que reapareixen amb una llum poètica diferent en la regularitat de la incessant fluència, tot allò, en suma, per on Homer és intraduïble, havia de passar en una altra llengua, dispersat en l'expressió analítica i prenent figura i curs en uns mots quasi sempre més recollits dins l'aspror de llurs consonants i dins la penombra que volta llurs accents. No tinc pas la presumpció d'haver reeixit en l'impossible. Però crec haver-me posat en l'únic bon camí de reduir el desastre, fins de reparar-lo en part. El cert estat de fluïdesa en què es troba el nostre català literari, i en el qual segurament cal desitjar que duri, acreixia l'extensió dels meus recursos. Tal locució dialectal o arcaica, tal inversió amb què una construcció esdevenia més intensa o més rara, tal decidida invenció, fins i tot, em permetien ara i adés de pujar el to de l'estil, simulant alguna cosa d'aquella mena d'universalitat que tingué el llenguatge homèric dins l'àrea del grec, o aquell dring sagrat, remot, amb què ja de tant en tant sobtava, no se'n dubti, els seus primers auditors, i que per un moment convertia l'aede en oficiant d'uns vetusts misteris de la condició heroica.

Era melhor assim. O que sobretudo contava era transtornar o mínimo possível a maravilhosa economia; ao mudar, pela violência do traslado, o peso respectivo das palavras, tentar não aumentar nem diminuir notavelmente a massa das representações, não as tirar excessivamente de sua ordem tão precisa, tão natural e eficaz. Todas aquelas belezas de metro, de harmonias imitativas, de equívocos, todas aquelas tão escolhidas ressonâncias das palavras, as diamantinas sínteses de imagem, as fórmulas que reapareciam com uma luz poética diferente na regularidade da incessante fluência, tudo aquilo, em suma, em que Homero é intraduzível, tinha de passar para outra língua, disperso na expressão analítica e tomando forma e curso em umas palavras quase sempre mais recolhidas no interior da aspereza de suas consoantes e no interior da penumbra que envolve seus acentos. Não tenho a presunção de ter tido sucesso no impossível. Creio, porém, que tomei o único caminho certo para reduzir o desastre, e até para repará-lo em parte. O autêntico estado de fluidez em que se encontra o nosso catalão literário, e no qual provavelmente devemos desejar que permaneça, aumentava a extensão de meus recursos. Tal locução dialetal ou arcaica, tal inversão com a qual uma construção se tornava mais intensa ou mais rara, tal decidida invenção, até me permitiam de vez em quando subir o tom do estilo, simulando um pouco aquele tipo de universalidade que a linguagem homérica teve na área do grego, ou aquele tanger sagrado, remoto, que de vez em quando, não tenham dúvidas, surpreendia os seus primeiros auditores, e que por um momento fazia do

Només creant-me un estil, insisteixo, que fes de la meva versió de l'*Odissea* un món clos i a part, podia jo esperar alguna cosa; i només dotant aquest estil d'un moviment a cada punt apropiat, mantindria la unitat i la justificació dels seus tan varis elements. Ara — i amb això torno a ésser on més amunt he començat i on volia anar per concloure—, moviment i economia, fórmules i formes i relacions, tot en l'estil homèric és condicionat per l'hexàmetre: tot surt del seu ritme i va amb ell i s'evidencia i passa en ell. Una traducció en prosa pot seguir amb fidelitat honorable el relat homèric, reduint-lo tot ell, per dir-ho així, a pur contingut; però molts dels elements poètics de l'estil, i certament els més característics, apareixeran trossets i absurds en un vers que no tingui una ponderació i un desplegament similars al de l'hexàmetre. No és aquest el lloc per a discutir fins a quin punt la base quantitativa del vers èpic antic pot ésser substituïda per l'accentual; o fins a quin punt, en una lectura “a la bàrbara”, resulta per a aquest metre una coincidència que, tot enganyant, satisfà. En el pròleg a la meva primera versió de l'*Odissea* vaig dir molta cosa que ara se'm revela ben ingènua. Indicaré aquí solament que la majoria dels qui condemnen l'adaptació de l'hexàmetre, més que amb veritable coneixement del problema parlen amb perjudici; un perjudici, altrament, explicable per la tosquetat de més d'un assaig. En una època de crisi per als vers sil·làbic regular i de tendència als ritmes lliures per a la poesia, sobretot per a les traduccions, no

aedo um oficiante de vetustos mistérios da condição heroica.

Apenas criando um estilo, insisto, que fizesse da minha versão da *Odisseia* um mundo fechado e à parte, podia eu esperar alguma coisa; e apenas dotando esse estilo de um movimento adequado a cada ponto, manteria a unidade e a justificação dos seus tão variados elementos. Ora bem — e com isso estou de novo onde mais acima comecei e gostaria de voltar para acabar —, movimento e economia, fórmulas e formas e relações, tudo no estilo homérico está condicionado pelo hexâmetro: tudo sai do seu ritmo e vai com ele e se torna evidente e passa por ele. Uma tradução em prosa pode acompanhar com fidelidade honrosa o relato homérico, reduzindo-o completamente, por assim dizer, a puro conteúdo; porém muitos dos elementos poéticos do estilo, e certamente os mais característicos, aparecerão trucidados e absurdos em um verso que não tenha uma ponderação e um desenvolvimento parecidos com o do hexâmetro. Não é este o lugar para discutir até que ponto a base quantitativa do verso épico antigo pode ser substituída pela acentual; ou até que ponto, numa leitura “à bàrbara”, resulta para esse metro uma coincidência que, enganando, satisfaz. No prólogo à minha primeira versão da *Odisseia* disse muita coisa que agora se me revela bem ingênua. Direi aqui apenas que a maioria dos que condenam a adaptação do hexâmetro, mais do que com autêntico conhecimento do problema falam com preconceito; um preconceito, aliás, explicável pela grosseria de mais de uma tentativa. Numa época de crise do verso silábico regular e de tendência para os ritmos livres para a

pot xocar excessivament l'ús d'un metre de sis accents (comptant com a tals, per a més flexibilitat, els secundaris) distribuïts en una alternància i amb unes cesures que almenys recordin les de l'hexàmetre homèric. No hi ha, en la història de la poètica, un metre que més minuciosament hagi servit les exigències de la més fina orella; i és ben cert que, com més la seva imitació s'ajusta a l'esquema teòric, més lliure i còmode és el so amb què es desplega. He estat infinitament més fidel que en la meua primera versió; però no he dut el rigor a ultrança: per salvar valors més urgents, no he defugit mai que el meu vers s'organitzés, dins uns certs límits, "a la bàrbara" o segons tot allò que la magnífica intensitat dels nostres accents permet i compensa. He tingut així, i ja és prou, l'àmbit i el ritme que l'estil homèric necessitava, al meu entendre, per a fer-se sentir en una aproximació.

Perquè de més aproximació ha estat ara la meua empresa en conjunt. Si alguna cosa de tot el que he suggerit he pogut aconseguir, donaré per ben esmerçat el meu esforç; si no, en alguna cosa més que en una realització literària hauré de creure que he fallit —és a dir, que havia fallit abans de posar-m'hi.

poesia, sobretudo para as traduções, não deve chocar excessivamente o uso de um metro de seis acentos (contando como tais, para maior flexibilidade, os secundários) distribuídos numa alternância e com umas cesuras que pelo menos lembrem as do hexâmetro homérico. Não há, na história da poética, um metro que tenha servido mais minuciosamente às exigências do mais fino ouvido; e é bem certo que, quanto mais a sua imitação se ajustar ao esquema teórico, mais livre e cômodo é o som com o qual se desenvolve. Fui infinitamente mais fiel que na minha primeira versão; porém não levei o rigor até o fim: para salvar valores mais urgentes, nunca impedi que o meu verso se organizasse, dentro de certos limites, "à bárbara" ou segundo aquilo que a magnífica intensidade de nossos acentos permite e compensa. Tive assim, e já é bastante, o âmbito e o ritmo de que o estilo homérico precisava, na minha opinião, para fazer-se sentir em uma aproximação.

Porque de maior aproximação foi desta vez minha empresa em conjunto. Se alguma coisa de tudo quanto sugeri pude conseguir, darei o meu esforço por bem empregado; se não, terei de acreditar que falhei mais nalguma coisa do que numa realização literária — isto é, que tinha falhado antes de começar.

*Trad. de Pere Comellas
perecomellas@ub.edu
Universitat de Barcelona*

*Fonte: Montserrat Bacardí, Joan Fontcuberta i Gel, Francesc Parcerisas (eds.)
Cent anys de traducció al català (1891-1990). Antologia.
Vic: Eumo Editorial, 1998, ps. 139-145.*

Referências bibliográficas

- MALÉ, J. (2006). *Carles Riba i la traducció*. Lleida: Punctum & Trilcat.
- MURGADES, J. (1994). “Apunt sobre noucentisme i traducció”. *Els Marges*, 50, 92-96.
- PARCERISAS, F. (1994). “Alguns canvis en el concepte de traducció”. *Els Marges*, 50, 87-92.
- RIBA, C. (1915). “Designi del traductor”. Em: E. A. Poe. *Històries extraordinaries. Primera serie*. Trad. de C. Riba. Barcelona: Societat Catalana d'Edicions, 5-7.
- _____ (1919). “Designi del traductor”. Em: Homero. *Odissea*. Barcelona: Editorial Catalana, p. 7-14.